

d'Orey GAZETA



Qui foule aux pieds
l'orgueil, le luxe et
l'abondance
qui vit content de peu
connait l'indépendance

Queridos Primos,

Duas mãos cheias de Gazetas d'Orey!

Tanto que já foi dito e tanto ainda por dizer. Aos poucos temos aberto algumas janelas nas vidas do casal Achilles d'Orey e seus descendentes. Temos revelado episódios e anedotas das suas vivências, que estavam arrumadas nos sótãos das nossas memórias. Estes registos que nós estamos a salvar guardar com imenso carinho revelam-nos algumas fases das suas vidas que nos ajudam a imaginar como terá sido o dia-a-dia do casal, com os meninos a nascer e a crescer, dificuldades que tiveram, mas com muito amor, cultura, alegria, luta, simplicidade e muita qualidade de vida, não só no Faial (Maison Sans Soucis) como já em Lisboa, mas nas próximas gazetas terão mais. Nada acontece por acaso! Com a edição em português, pelo Núcleo Cultural da Horta dos "Anais da Família Dabney no Faial" em três volumes, que a Gazeta d'Orey adquiriu, foi-nos facultado este espreitar delicioso de como terá sido esse tempo. Chegamos a esta publicação, porque o Patrick d'Orey Marchand, um dia pediu à sua irmã Chantal para ver em Angra do Heroísmo o que havia sobre o afundamento do Vapor Áustria. A Chantal nada encontrou, mas no meio dessa tarefa, descobriu uma cópia dos "Anais da Família Dabney no Faial" em inglês! Tirou algumas fotocópias e ficou radiante com a descoberta. Partilharam com alguns elementos da família a respectiva leitura. Entretanto, o ano passado, a Elvirita convidou a Nico para um Torneiro de Bridge no Faial. No Hotel estava publicitado qualquer coisa sobre os Dabneys, nome que já não era estranho para a Nico! Bingo! A publicação em português dos "Anais.." tinha saído no mês anterior! Como curiosidade, o filho Luís, quando um dia, muitos anos depois, voltou ao Faial, tirou uma fotografia, na esquina da "Maison Sans Soucis", onde nasceu. A sua filha Conchinha mais tarde quis ser fotografada no mesmo sítio que o seu Pai. A Tim-Tim, filha da Conchinha, esteve na Horta em 1998 lá fez a sua romagem de saudade com a fotografia da praxe que o seu filho João Thiago em 2003 fez questão de repetir.

Conseguimos descobrir mais uma filha do casal Achilles d'Orey e a informação sobre o horror que foi afundamento do Vapor Áustria, para que se possa bem compreender a oferta do Dr. Hubert Scheck em receber, de graça, os filhos do casal Achilles d'Orey no seu colégio na Alemanha, depois da morte do Pai.

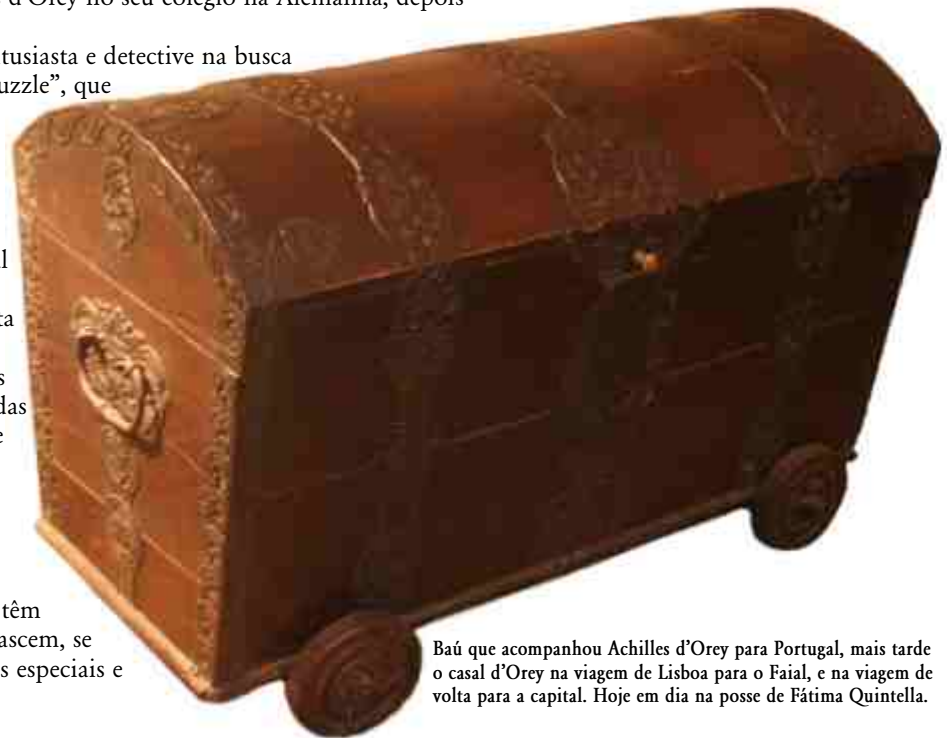
O Bruno d'Orey Slewinski tem sido um incansável entusiasta e detective na busca de inúmeros detalhes, que são pequenas peças dum "puzzle", que faltavam e que agora nos deixam ver mais claro, nomeadamente o registo das várias residências onde Luiza Henriqueta viveu com o seu marido e depois sozinha com os seus filhos. Todos estes novos dados devidamente comprovados e relacionados com outros já existentes vão-nos revelando o percurso daquele casal que está na origem de todos nós. Mas quanto mais se investiga, mais há para investigar.....! Há mais! A Gazeta d'Orey ainda tem muito para contar sobre a vida do casal que lançou os alicerces da nossa família. Algumas peças já estão em carteira e outras estão a aparecer vindas de documentos que o Bruno está a trazer à superfície e quem sabe se outros primos arregaçam as mangas e se poem a "farejar" nos vários arquivos nacionais. Como esta Gazeta não comporta mais, estejam atentos às próximas Gazetas e verá as mudanças e andanças que fizeram em Lisboa e arredores.

Todos nós agradecemos todas as colaborações que nos têm chegado e continuamos à espera de notícias dos que nascem, se casam, se baptizam, façam doutoramentos, aniversários especiais e também os que partiram para a casa do Pai.
Um beijo, Tim-Tim e Nico

A Divisa de
Luiza Henriqueta Mousinho de Albuquerque d'Orey
na posse de Teresa Quintella.

Tradução:

**"Quem espezinhar o orgulho,
o luxo e a abundância
quem vive contente com pouco
conhece a independência."**



Baú que acompanhou Achilles d'Orey para Portugal, mais tarde o casal d'Orey na viagem de Lisboa para o Faial, e na viagem de volta para a capital. Hoje em dia na posse de Fátima Quintella.

Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: [timmim_milu@hotmail.com](mailto:timmtim_milu@hotmail.com) Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 www.dorey.pt

Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: lloureiro@mdados.pt Paginação e tratamento de imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)

A **Gazeta d'Orey** é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

QUEM ERA ACHILLES D'OREY?

por Bruno d'Orey Slewinski (verde)

Sobre a origem de Augusto Eduardo Guilherme Hector Achilles, nome tal como consta em diversos documentos encontrados em arquivos alemães, já muito se sabe, mas ainda existem grandes interrogações. A família mantém, diversas e muito variadas interpretações sobre a origem do Fundador, e é certo que também já se escreveu e disse muita coisa sem qualquer fundamento, algumas até puras divagações. Mas todos têm a certeza de que foi um apaixonado marido e um pai excepcional.

Nasceu em Wusterhausen/Dossen, na Prússia, em 24 de Maio de 1820, filho adoptivo de Johan Friederich Achilles e de Ulrika Wilhelmina Dorothea Uden, um casal de comerciantes daquela zona.

Jovem de grande inteligência, teve uma educação especialmente cuidada, frequentando os liceus de Ruppín e Stendhal. Aos 20 anos foi fazer o serviço militar para Bromberg. Terminou-o um ano depois.

No casamento da irmã Luisa, conheceu um primo que trabalhava em arquitectura e construção civil e o convidou a trabalhar com ele em Berlim. Conheceu muitas pessoas na sociedade berlinense e rapidamente percebeu que aquele trabalho não era para ele. Partiu novamente. Depois de ter passado por Berlim e Heidelberg, nas suas viagens conheceu o conde húngaro Lazlo Teleki. Tornaram-se amigos, e este desafiou-o para uma viagem pela Europa onde visitou diversos países e cidades, tendo parado em Paris. O conde Teleki não o acompanhou a Paris, e vendo-se sozinho, seguindo o seu espírito aventureiro, alistou-se na Legião Estrangeira e de Toulon partiu para o Norte de África, onde se juntou às fileiras. Ficou 6 meses e por ter ficado doente conseguiu voltar para o continente europeu.

Trabalhou em Munique alguns meses, passando por Wusterhausen e Berlim para visitar a família. Conheceu o liberal Ludwig Blenker de quem se tornou grande amigo e o entusiasmou com ideias de vanguarda. Na altura trabalhava como vendedor de *champagne* e aproveitando as suas deslocações foi enviado a diversas cidades como agente de propaganda, devido à sua fluência em diversas línguas e à sua simpatia. Aquando dos acontecimentos em 1848, Achilles não se envolveu activamente, mas em 1849 quando a revolução rebentou em Baden, Blenker comandava as operações, enquanto Achilles era adjunto de Mieroslawski, general polaco, comandante das tropas liberais. Depois de algumas vitórias os liberais foram esmagados pelas tropas do Príncipe Guilherme (futuro Kaiser), que obrigou à fuga e dispersão dos rebeldes. Achilles fugiu para a Suíça, juntamente com Blenker, Fassbinder e outros. Dali seguiu para Londres.

De Londres viajou para Nice e Marselha onde se instalou em casa de um amigo Louis de Lomellion, a quem dava aulas de alemão, vivendo das suas qualidades de pianista com concertos que dava. Em 1851 foi para Espanha, onde deu concertos em Almeria, Granada, Córdova e Sevilha, de onde embarcou para Lisboa.

Em Lisboa foi bem recebido pela sociedade liberal portuguesa, e pelo que se sabe, frequentou muito as casas do Conde de Farrobo e do Duque de Palmela. No verão de 1852 foi convidado por Miguel de Canto e Castro, parente dos Mousinho de Albuquerque, para passar umas férias em Leiria. No dia 10 de Agosto, conheceu Luiza Henriqueta Mousinho de Albuquerque. Enamoraram-se. Embora de família protestante, foi baptizado "*sub conditione et post factum*" a 10 de Novembro de 1852, baptismo este apadrinhado pela Duquesa de Palmela e pelo Marquês de Ficalho. Casou, por procuração, no dia 18 de Novembro desse mesmo ano com Luiza Mouzinho de Albuquerque, no Mosteiro de Santa Maria da Batalha, representado pelo seu cunhado, José Diogo Mouzinho de Albuquerque.

O casal viveu em Lisboa alguns meses, para, em Março de 1853 mudarem-se para a ilha do Faial, nos Açores. Inicialmente o casal d'Orey subsistia, para além da pequena pensão que Achilles recebia como emigrado político (12 reis), de aulas que davam de piano e línguas. Um dos episódios marcantes naquela época foi o naufrágio dramático do vapor *Austria*, perto do arquipélago dos Açores, navio este que fazia a linha Hamburgo/Nova York. Deste naufrágio muito



poucos passageiros sobreviveram, 3 deles, por estarem demasiado feridos, ficaram no Hospital de Angra. No seu recobro, um deles, Dr. Scheck foi recolhido pela família d'Orey. Este acolhimento em casa dos d'Orey nunca foi esquecido por Scheck, e mais tarde fez questão de receber já na Alemanha todos os filhos de Achilles e Luiza na sua escola. Naquela ilha estiveram 14 anos, e aonde nasceram os 7 primeiros filhos. Voltaram para o continente e para a capital em Outubro de 1866.

Por volta de 1868, foi acompanhar o cunhado José Diogo Mouzinho de Albuquerque, Director Geral dos Telégrafos, a um congresso de telégrafos a Viena de Áustria. Pouco depois passou a trabalhar na Falmouth Gibraltar and Malta Company Limited, empresa britânica que instalou os cabos submarinos Gibraltar-Carcavelos e Portugal-Inglaterra, inaugurados em Junho de 1870.

Nos seus últimos anos de vida, uma das suas grandes preocupações foi de ver reconhecido o estatuto de cidadania prussiana para a sua mulher e descendentes, para que os seus dois filhos mais velhos pudessem ingressar no Kadetten Corps, colégio militar prussiano. Este processo, que contou com o empenho pessoal do Kaiser Guilherme, termina com a admissão do segundo filho e com a "Alle Hoehster Kabinets Order" do Kaiser que reza:

"Quero Eu que os filhos daquele que morreu em Lisboa em 18 de Abril de 1872, cidadão prussiano de nome Augusto Eduardo Guilherme Hector Achilles chamado d'Orey possam usar o nome de família Achilles de Albuquerque d'Orey."

Achilles d'Orey nunca renunciou aos seus ideais, conforme se verificou em diversos escritos seus, e embora tenha tentado sempre esconder o seu passado usando outros nomes, tal como o d'Orey, tentou a reabilitação (aliás conseguida) junto da sua pátria para que a sua família tivesse a oportunidade de aprofundar as suas raízes alemãs. Achilles d'Orey faleceu em Lisboa, na Freguesia de S. Mamede, vítima de doença de *Bright* que o assolava há já dois anos, na Rua de Entremuros, no 1º andar do número 109, tendo o filho mais novo, José Diogo, apenas 24 dias.

QUEM ERA LUIZA HENRIQUETA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE?

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)



É difícil encontrar uma pessoa com tanta qualidade, aliada a tremendas dificuldades, um amor inabalável pelo bem fazer, uma fugalidade que desde pequena tão bem conhecia, uma linha de vida traçada para si e para os seus, seguida com os maior sacrifícios na parte que toca a bens materiais, já que na linha da rectidão e exigência, morais, não se percebe que tivesse qualquer dificuldade, pois era-lhe natural. Tinha um reconhecimento e agradecimento infinito por quem a ajudava. Geria como ninguém os seus bens materiais que não eram muitos, principalmente quando ficou viúva com 9 filhos (de 24 dias a 18 anos). Pode-se bem afirmar que deixou um rasto de NOBREZA à sua volta, em todo o sentido da palavra, bem expressado nas palavras em tudo o que se lê e a ela se refere, e ainda pelo resultado, ou seja, na BELÍSSIMA FAMÍLIA ALBUQUERQUE D'OREY que somos! Vou tentar fazer uma súmula do que foi esta Senhora, socorrendo-me dos textos dos seus filhos Ruy e Anna (Monografia da Família Achilles de Albuquerque d'Orey), do texto da tia Blu (arquivo de José Luiz de Albuquerque d'Orey), dos Dabneys (Anais da Família Dabney no Faial) e do seu próprio Testamento.

Esta notável SENHORA, nasceu em Angra do Heroísmo, na Ilha de Terceira, a 15 de Março de 1832. Citando a sua filha Anna (texto da Monografia da Família Achilles de Albuquerque d' Orey): “...e, ou por que fosse a mais nova de todas, ou por ser tão inteligente, galante e amável, foi desde sempre muito mimosa dos Pais e irmãos, tios e primos. O seus primeiros anos passou-os na emigração, vindo ainda em criança para a Quinta da Várzea (Leiria) onde esteve quase sempre. Tinha uma grande disposição para a música e apesar dos poucos recursos que ali tinha, tocava muito bem. Aos 14 anos morreu seu Pai, o que foi um enorme desgosto, pois tinha por ele imensa amizade . Continuava a viver na Quinta e nela levava uma vida simplicíssima, característica que conservou em toda vida; poucos ou nenhuns

divertimentos tinha. A seguir ao primeiro baile, em Leiria foi pedida em casamento, tendo a minha Avó despedido o pretendente de uma maneira altiva, embora correcta, ... e o motivo de tal proceder foi o de que a família dele seria muito inferior à nossa. A 10 de Agosto de 1852 conheceu ela meu Pai que casualmente veio a Portugal como emigrado político tendo sido recebido pelas principais famílias com muita intimidade e consideração. Foi ele convidado pelos nossos parentes Canto e Castro. A ir passar uns tempos à Quinta deles em Leiria, e nessa altura viu minha Mãe pela primeira vez, e logo, de parte a parte houve um forte sentimento de simpatia. Foi depois a Família a banhos para a praia da Nazaré, e aí ele declarou-se tendo minha Mãe dito à avó o seguinte; que ele a vinha pedir no dia seguinte, e o seu desejo era que ela dissesse que sim, mas que, caso contrário, ela pediria ao irmão José Diogo que a acompanhasse nesse noite e montando um cavalo vinham para Lisboa, indo ela para casa das tias freiras no Convento de Santos, pois não tinha coragem de o tornar a ver nessas condições, nem de desobedecer à Mãe..... tendo a minha Mãe casado aos 20 anos na Igreja da Batalha, a 18 de Novembro de 1852. Este casamento, se não foi prudente, com certeza foi ultra romântico. Estiveram meus Pais uns tempos em Lisboa, esperando a ocasião de embarcar ...Embarcaram para o Faial onde estiveram 14 anos voltando a estabelecer-se em Lisboa com sete filhos...A 18 de Abril de 1872 faleceu o meu Pai, depois de uma dolorosa doença de dois anos,... Minha Mãe nunca fraquejou, embora a sua saúde fosse destas que nunca acaba, lembro-me bem, embora fosse tão pequena, que tendo ele morrido às 4 horas da manhã, às 8 como de costume, presidia ela ao almoço de todos nós, mas trazendo sempre a lembrança dele presente e educou os filhos como ele desejara. Todos os rapazes estiveram cada um por sua vez, 4 anos na Alemanha, o que consegui à custa dos maiores sacrifícios. Pela memória de meu Pai conservou ela toda a vida a maior ternura e veneração, procurando cultivá-la nos nossos corações, e no coração dos filhos que não tiveram a ventura de o conhecer. Pela Alemanha tinha ela grande afeição, reflexo do grande amor à Pátria do marido. Aos 81 anos levou-nos Deus aquela santa Mãe que de certo não aparece de mãos vazias diante do seu Criador. Meu Pai, por algumas lembranças que temos dele, e por coisas contadas por ela e por outros, tinha por ela a maior das afeições e venerações, tendo a sua vida de 20 anos de casada sido um contínuo romance, como românticas eram as suas ideias.”

Pegando agora nas palavras de Isabel Gabriela Sampayo d'Orey Gomes da Costa (Blu)(verde): “Tenho junto a mim a cadeira em que a Avó passou os últimos tempos da sua vida e que destinou como lembrança para o meu Pai. Vejo-me na casa dos meus 12 anos, no lusco fúsculo do cair da noite, sentada, junto à cadeira da Avó, em longas conversas. Viviam os bisavós na quinta da Várzea, onde existia um velho piano no qual a Luizinha, como então lhe chamavam, tocava com grande sentimento e desembaraço. Mas o velho piano que a princípio a encantava parecia-lhe agora que realmente desafinava em todo o sentido. Comprar um piano novo, que sonho! Mas com quê? E a Luizinha que ao longo da sua vida mostrou sempre ser pessoa desembaraçada, decidiu fazer negócios. Comprava cebolas no tempo em que estavam baratas e vendia quando o preço subia. E assim conseguiu comprar um burrinho pequeno que na quinta pastava, cresceu, e quando grande vendeu. Assim com estes e semelhantes negócios, conseguiu realmente comprar um bom piano. O Pai deu-lhe então de presente uma dúzia de lições com um bom professor e a Avó contava o desgosto quando o via pôr mil defeitos na sua expressiva maneira de tocar. Quando o professor saía deitava-se no chão a chorar. Era uma invulgar conversadora e tinha muita graça nas respostas. Um dia disseram-me que os Mouzinhos eram descendentes de D.Diniz. - “Oh Avó, como eu gosto de descender da Rainha Santa.”. “Não filha...somos descendentes de uma criatura que não foi positivamente uma Rainha e se Santa só Deus sabe”. Fiquei elucidada. Lembro-me das frases com que terminou uma das nossas longas

QUEM ERA LUIZA H. M. DE ALBUQUERQUE? (continuação)

conversas: “Conserva sempre o teu ideal.”

Dos “Anais da família Dabney no Faial” há muitas referências à Sra. d’Orey sempre com a maior simpatia e admiração, no entanto nas palavras de Luísa Henriqueta o reconhecimento de quem a ajudou muito.... Num bilhete dirigido a Charles W. Dabney:

“Meu caro Sr. Dabney, - Devo dizer-lhe que, no dia do baptizado, o meu marido cedeu à vontade de chamar Guilherme ao pequenito, como ele. O meu marido queria que fosse Charles mas como o senhor já deve ter o primeiro lugar em tudo, o pequenito contentou-se com o seu segundo nome e, se merecer de si segundas qualidades, ser-lhe-á suficiente ficar colocado perto de si. Cria-me sempre, meu bom amigo, sua devotada e obrigada. Luíza”

Roxana Dabney refere em algumas notas: “O que o Sr. e a Sra. d’Orey sentiam em relação a Charles Dabney era admiração genuína. Em 1882, a Sra. d’Orey escreveu como lamentava ter queimado as cartas de Charles W. Dabney: - “Que linda correspondência ele teve com o meu marido. Lembro-me de um dia em que, quando o meu marido estava doente e muito apreensivo, escrevi um bilhete ao Sr. Dabney pedindo-lhe para vir com um pretexto qualquer, trazer a calma e o alívio que sempre traz à nossa casa’ Mais uma vez lhe dirigi no mesmo estilo a mais sincera expressão dos seus sentimentos. Fosse qual fosse o problema, o meu primeiro pensamento era sempre recorrer à sua admirável influência para nos acalmar e parece-me realmente que ele estava tão perto da perfeição quanto é possível. Repito, e tenho grande prazer em repetir, que uma das grandes felicidades da minha vida foi ter conhecido o Sr. Dabney. O que eu não daria por um guia como ele, agora que pareço estar sem apoio moral como o que sempre encontrei nele”.

A seguir, no seu próprio Testamento, dirigido ao seu filho Ruy, em Fevereiro de 1901, para além do pedido de protecção para a filha Anna que ela “tinha atravessada na garganta” e do filho José Diogo por ter sido educado com mimo a mais, culpando-se, mas justificando-se de estar muito quebrada:

“....Deus te dê tudo o que para Si lhe peço o amor da sua religião é o que mais peço para Si e todos os teus foi o sustento toda a minha vida. Possam os teus filhos ser para ti o que foste sempre para mim já foi o que tua Avó te desejou no leito de morte. Ele esteja sempre contigo e espero Ele nos reunirá a todos no Céu. Auf Wiedersehen como dizia o teu Pai.”

Finalizando, com as palavras de Ruy Mousinho de Albuquerque d’Orey, numa carta dirigida ao seu filho Vasco...

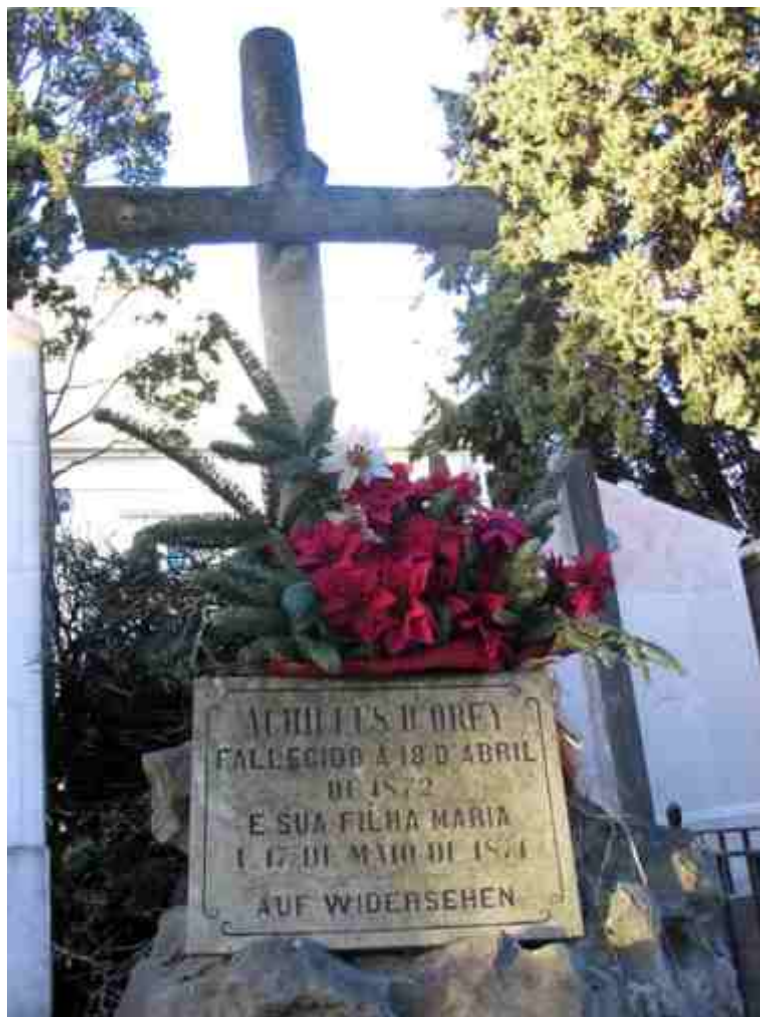
“....Boa como poucas, dotada de rara inteligência e conhecimento dos homens e das coisas, minha boa Mãe foi um Anjo da Guarda de todas as pessoas que tiveram a ventura de a conhecer.... Fez a felicidade e fez voltar a paz e a alegria à alma nobre entre todas de teu Avô (seu marido) cansado já aos 31 anos das lutas da vida e desiludido dos homens e dos seus feitos. Como viúva foi o exemplo das mães, dos chefes de família. O seu espírito presidiu sempre em todos os actos ou decisões de maior importância que seus filhos tinham que tomar, até já depois de cega e amarrada à sua cadeira era ela o centro em volta do qual girava toda a actividade de nós e sua já tão grande descendência. O seu fino trato fazia-a desvendar tudo quanto em volta dela se passava e, pressurosa, acudia a suavizar e mitigar dores, evitar desaguisados, prevenir desastres, e tal foi o seu império, tal a influência que sobre nós exerceu que, ainda hoje e se Deus quiser, enquanto nós vivos formos será ainda o seu espírito justo e recto que servirá de Norte aos seus desolados filhos. Tinha o raríssimo condão de destrinçar o bem do mal e jamais vacilar neste ponto. Depois de morta rodeando a sua cama nós todos sentimo-nos orgulhosos de ter tido tal Mãe...”

AFINAL TIVERAM 10 FILHOS E NÃO 9 por Ana Maria Garcez d’Orey Slewinski (verde)

Na Gazeta d’Orey nº 2 a Teresa Quintella contou-nos que para além da avó dela, Anna, e das tias Maria Luíza e Ulrika, o casal Albuquerque d’Orey teve outra filha, chamada Maria, que morreu ainda bebé. Podemos ver no Cemitério dos Prazeres, na lápide do Jazigo “Achilles d’Orey...e sua filha Maria”.

Investigámos na cidade da Horta por email e pessoalmente. Junto dos Arquivos Distritais de Lisboa, tentámos, por email, obter uma certidão de nascimento, dando como referência as moradas, Rua do Cabo (vidé certidão de nascimento do filho Guilherme) e Rua de Entremuros (vidé certidão de nascimento do filho José Diogo). Nada se encontrou. Até que o Bruno d’Orey Slewinski, encontrou na Torre do Tombo, o Registo de Baptismo da Maria, nascida a 14 de Outubro de 1870, baptisada em 17 de Novembro do mesmo ano. Como curiosidade podemos referir que no registo de baptismo surgem como padrinhos o irmão de sua mãe José Diogo Mousinho de Albuquerque e Nossa Senhora, com referência ao irmão da baptisada, Luiz Francisco de Albuquerque d’Orey. Infelizmente a pequena Maria veio a falecer em 17 de Maio de 1871. No registo de baptismo consta que a morada da família d’Orey era na Rua de S. Bernardo, aliás como é referido nos “Anais da Família Dabney no Faial”

Afinal podemos confirmar que a primeira geração dos d’Orey têm mais um elemento!



Jazigo Achilles d’Orey no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa

PORQUE FORAM PARA O FAIAL?

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Depois do casamento a 18/11/1852, Luiza e Guilherme ficaram em Lisboa à espera de embarcar, hospedando-se no Hotel D.Luiza (hoje Hotel Borges) conforme palavras da sua filha Ana (*in* Monografia da Família Achilles de Albuquerque d'Orey). Por terem a certeza de estarem a ser espiados, foram morar para casa dum antigo criado da família Mouzinho de Albuquerque, muito auxiliados nessa “meia fuga” pela Condessa de Anadia que sempre lhes dispensou muita amizade. A 11 de Janeiro de 1853 Almeida Garrett escreve uma carta de recomendação para Luís Teixeira de Sampaio então Governador do Distrito da Horta, conforme “texto vago, mas significativo” que encontramos também na “Monografia da Família Achilles de Albuquerque d'Orey”.



Planta pormenor da cidade da Horta, ilha do Faial, arquipélago dos Açores

Não há prova documental que possa garantir o porquê da ida para o Faial, mas sabe-se que nessa altura, graças à sua localização, a Horta prosperava como um porto de escala de importantes rotas comerciais. Teve um período áureo, pelo menos aparente (1804-1896), com a exportação de laranjas e do Verdelho do Pico, como porto de reabastecimento dos barcos baleeiros norte-americanos e de reabastecimento de carvão aos navios a vapor. É beneficiada como a construção do Porto Comercial (1876). O Faial deveria ser um dos locais mais internacionais, em território português. Para um estrangeiro, refugiado político, que ainda não sabia a língua local, presume-se que seria o local mais indicado para fazer a sua vida de

recém-casado e arranjar trabalho?

As primeiras impressões da chegada do casal em Abril de 1853 é-nos relatada por Charles W. Dabney, numa carta (*in* Anais da Família Dabney no Faial): “Um cavalheiro prussiano, casado (cinco meses atrás) com uma filha do Sr. Mouzinho de Albuquerque (distinto amigo do Imperador D. Pedro I do Brasil) chegou aqui recentemente. Trata-se de um refugiado que recebe uma pequena pensão do governo português. Ele gosta muitíssimo de música e toca piano admiravelmente. Ela é uma pessoa muito simpática e bem-educada. Pouco tempo atrás, a criada deles deixou-os enquanto estavam a passar o serão em casa do Governador-Civil. Depositou a chave em casa dos Rocha (eles viviam na casa adjacente, onde Perdigão viveu) e este mandou-lhes dizer que a criada se tinha ido embora e tinha deixado a casa aberta. O Sr. Aquiles regressou imediatamente a casa e o Governador-Civil acompanhou-o. Ao entrar em casa, o Sr. Aquiles sentou-se ao piano e começou a tocar, deixando à esposa a tarefa de verificar se tinha sido roubada alguma coisa e, de tempos a tempos, perguntava bem alto “Querido, falta alguma coisa?” Continuou a tocar durante todo o tempo em que o Governador lá ficou!...” “O Governador que Charles W. Dabney alude era Luís Teixeira de Sampaio membro de uma família bem conhecida na sociedade lisboeta, e o cavalheiro prussiano era o Sr. Aquiles d'Orey de quem tanto sabeis, por as nossas famílias se terem tornado tão íntimas.”

Este foi o ponto de partida duma grande amizade, admiração e ajuda conforme palavras que mais adiante se transcrevem. O casal tinha uma grande admiração por Charles W. Dabney e um grande sentimento de gratidão bem expressado em duas cartas que mais adiante se transcrevem.

Quem eram os Dabney?

Os Dabney eram naquela altura uma família de referência no arquipélago devido aos seus negócios de exportação de laranja e verdelho, além dos negócios na indústria baleeira, entre outros, uma família abastada e muito importante para a economia açoriana durante cerca de 83 anos. A sua história nos Açores inicia-se com a chegada, no final de 1804, de John Bass Dabney, que se instala na cidade da Horta como Consul dos EUA. O seu filho, Charles W. Dabney sucede-lhe como Consul, e expande os negócios que a família já detinha. Muitos anos depois, John Pomeroy Dabney sucede ao seu pai Charles como Consul. A família acaba por deixar o arquipélago no final do séc. XIX porque sai uma Lei nos Estados Unidos que impede os Consules norte-americanos de deterem negócios, além que a produção nas terras dos Dabney tinham decaído muito devido a pragas que assolaram os Açores naquela altura.

Voltando às cartas dos Dabney (*in* Anais da Família Dabney no Faial)



PORQUE FORAM PARA O FAIAL?

(continuação)

uma referência no Verão de 1854 (tinham apenas a filha Maria Luiza): “O Sr. e a Sra. d’Orey, que C.P.D e eu conhecemos quando regressámos eram um reforço muito interessante do nosso círculo social. Uma circunstância bastante singular é que Portugal, um dos mais pobres governos da Europa, fosse o único, tanto quanto sei a conceder um subsídio mensal aos exilados estrangeiros nos seus domínios, até eles terem meios de se sustentarem a si próprios. O Sr. d’Orey tinha travado conhecimento com o Sr. Sampaio, que foi nomeado Governador Civil do Faial, e também com Simão Cunha e foi induzido para o Faial com eles. Estava implicado na mesma revolução de 1847-1848 em que Carl Schults e outros estiveram envolvidos. Tinha travado conhecimento com o Sr. José Mouzinho de Albuquerque e, através deste, com a irmã Luísa de quem ficou noivo. Poucas semanas depois de a conhecer, casou e veio para o Faial.”

Em outra referência, com algumas curiosidades: “Uma noite antes de eles partirem os d’Orey estavam a tomar chá connosco com o Sr. d’Orey sentado junto de SWD. O Sr. d’Orey voltou-se subitamente e disse, “Em Strasburgo não podereis deixar de comer peito de judeu fumado” “O quê?” perguntou SWD, parecendo desorientado e um pouco enojado. O Sr. d’Orey repetiu então, dando subitamente conta do seu engano, disse: “É o meu máu inglês; peito de ganso fumado é o que eu queria dizer. (...) Registei estes enganões dos primeiros anos da vida dele aqui. Tinha servido no exército francês na Argélia e falava francês fluentemente, mas não estava familiarizado com o inglês e, como era um pouco impetuoso, não se detinha para pensar nas suas palavras. No entanto aprendeu a falar muito bem nos anos em que permaneceu aqui. A esposa era mais cuidadosa e raramente cometia erros. Disse-me certa vez no regresso de Inglaterra tinha visto tudo “em condições de navegar” em Londres, mas isso era um engano muito natural (o sabor destes enganões perde-se com a tradução. Neste caso, lê-se no original “see worthy”, proferido com a intenção de dizer “digno de se ver”, que soa como seaworthy” ou seja “em condições de navegar”). Eis alguns dos mais evidentes dos enganões do Sr. d’Orey: “A grande mãe de minha esposa era espanhola”; (traduzido) “A avó da minha esposa era espanhola”. “Na minha pequena ‘capoeira’ tenho sapatos, tortas de açúcar e ratos” querendo dizer couves (do francês chou), ervilhas (de cheiro) e milho (do francês, mais). Quando estava na Argélia com o exército francês, “os soldados costumavam fazer buracos no chão e as hienas e os chacais caíam neles e os homens picavam-nos com as baionetas, saltavam para dentro e encaixotavam-lhes os pés”. Tradução “Buracos para as hienas e chacais, os homens espetavam-nos com as baionetas e saltavam para lá para dentro para amarrar-lhes as patas”. Quando mandou à mãe uma fotografia da cidade contou que lhe dissera para “fazer uma previnca à direita da torre do relógio e ir um centímetro para cima” para encontrar a casa dele. Os conhecedores de alemão explicarão a “pervinca” bem como os “pés”.

Numa outra carta, em que é referida a altura em que a mãe e a irmã de Luíza Mousinho de Albuquerque d’Orey chegaram ao Faial: “Os O’Sullivan estavam muito entusiasmados com George Oliver que tinha estado em casa deles na sua viagem de Espanha para o Faial. Chegou ao Faial exactamente antes de partirmos, veio no “Argo” com o Sr. Oliveira, a Sra. Albuquerque e a menina Isabel (a mãe e a irmã da Sra. d’Orey)” (cerca de Julho 1855)(a tia Ulrika tinha nascido a 4 de Maio de 1855). Em 21 de Julho de 1855 escrevem: “...Os d’Orey têm agora a sua terceira ama e parece que estão bem servidos. A Sra. d’Orey anda muito bem disposta, muito feliz com a mãe e a irmã. Ele anda um bocadinho aborrecido como sempre acontece quando os alunos diminuem. A Fanny abandonou por agora as lições mas ainda tem os rapazes e Marianne. Lidou melhor do que eu esperava com o descontentamento de não ir à Alemanha. Esqueci-me de que os Davis também são alunos dele...”

No ano seguinte, em 1856, finalmente conseguiram ir à Alemanha, mas sobre isso falaremos na próxima gazeta.

DR. SHECK E O VAPOR AUSTRIA

por Bruno d’Orey Slewinski (verde)



Dr. Scheck entre alguns dos seus alunos

Muitos pessoas da família conhecem a figura do Dr. Scheck e o facto da maior parte dos filhos de Achilles d’Orey terem estudado na sua escola, o German American Institute (conforme referência numa carta de Achilles d’Orey), mas pouco se sabe sobre o porquê da tão grande gratidão de Scheck e o que aconteceu com o navio a vapor **Austria**. Assim sendo tentamos de seguida explicar.

Citando as palavras de Ruy de Albuquerque d’Orey (*in* Monografia da Família Achilles de Albuquerque d’Orey) "... não havia nesse tempo no Faial senão um Consul das cidades Hamseáticas, que não quiz tomar a responsabilidade perante as autoridades, pelo desembarque desses desgraçados, e respectivas despesas de hospitalização. Sem a menor hesitação fê-lo meu Pai, servindo o Carlos Dabney de fiador, e levou para sua casa aquele naufrago que mais ferido estava: era o Dr. Hubert Scheck, ainda perceptor de uns principes de Hohenzollern, e que mais tarde, após a morte de meu Pai, escreveu à minha Mãe, oferecendo receber no seu colégio em Hofgeziman os filhos daquele que com tanto carinho o acolhera no pior transe da sua vida, tendo visto afogar-se a seu lado a sua primeira mulher e filha, que por falta de forças não puderam aguentar-se à frágil tábua a que os três se tinha agarrado quando ardeu o navio, antes dele Dr. Scheck ter sido recolhido a bordo do salva-vidas."

O navio a vapor **Austria** foi construído para servir na rota Hamburgo - América. Foi inaugurado a 23 de Junho de 1857. Era um barco de 2684 toneladas, 3 mastros, atingia a velocidade de cruzeiro de 10 nós, e tinha acomodações para 60 passageiros em 1ª classe, 120 em 2ª classe e 450 nos fundos, e espaço para 80 tripulantes.

Foi primeiramente requisitado pelo Governo Britânico para transporte de tropas, mas uma tempestado no Golfo de Biscaya provocou extensos danos que o impossibilitou de continuar viagem para a Índia.

Entretanto quando voltava a Inglaterra teve problemas nos motores e os Britânicos cancelaram a requisição.

Assim, depois de totalmente reparado, fez a sua viagem inaugural Hamburgo - Southampton - Nova York a 1 de Maio de 1858. No dia 1 de Setembro de 1858 partiu de Hamburgo na sua 3ª viagem a Nova York. No dia 13 de Setembro, por volta do meio-dia, na latitude 45' 01 e longitude 41' 30, a tripulação iria iniciar trabalhos de fumegação do porão, num processo que consistia mais ou menos em mergulhar uma corrente em brasa num balde de alcatrão. A corrente estava quente demais para o tripulante que a segurava e caiu no chão de madeira que imediatamente pegou fogo. Embora a embarcação viajasse a meia velocidade, foi impossível parar porque os tripulantes encarregues dos motores ficaram asfixiados, e quando o tripulante do leme abandonou o seu posto, o barco ficou virado contra o vento, fazendo com que as chamas se espalhassem rapidamente pelo barco inteiro.

DR. SHECK E O VAPOR AUSTRIA (continuação)



Reprodução da tragédia do **Austria**

Dos 538 passageiros e tripulação a bordo do **Austria**, apenas 91 se salvaram. Dos 91 sobreviventes, 69 foram recolhidos pelo barco francês **Maurice**. A 14 de Setembro 12 deles foram transferidos para navio **Lotus** que viajava de Liverpool para Halifax, enquanto os restantes 57 seguiram para o Faial, onde chegaram a 19 de Setembro. Já no Faial, nove dos tripulantes sobreviventes embarcaram no vapor **Ireland** com destino a Hamburgo. A 28 de Setembro os restantes sobreviventes, com excepção de 3 que tinham queimaduras extensas e ficaram no Hospital do Faial, embarcaram na fragata a vapor **HM Valorous** que seguiu para Nova York. Os restantes 22 sobreviventes foram resgatados ainda do **Austria** em chamas, no dia 14 de Setembro, pelo barco norueguês **Catarina**, que se dirigia para o Quebec.

Dos 3 sobreviventes que tiveram de ficar no Faial, um deles era Therodore Eisfeld, que chefiava a Sociedade Filarmónica de Nova York e que tinha vindo à Europa em busca de um violino famoso. Na sua estadia no Faial deu aulas de canto, piano, violino e violoncelo. Conviveu de perto com os Dabney's e com os d'Orey, especialmente Achilles d'Orey que lhe dedicou muito do seu tempo. Outro foi o já conhecido Dr. Hubert Scheck, que ficou para sempre agradecido pelo acolhimento da família d'Orey.

Relato de um sobrevivente: Sr. Brew

Embarquei em Southampton, no dia 4 de Setembro, no Vapor **Austria**, que tinha partido de Hamburgo no dia 2. Partimos às 5 da tarde, por uma neblina bastante densa. Em consequência tivemos de ancorar ao largo e partimos às 4 horas da madrugada seguinte. No levantar da âncora, um infeliz acidente provocou a morte a um dos tripulantes. Retomamos a nossa rota com ventos fortes de oeste. No dia 12 o tempo já estava bastante mais favorável, e no dia 13 atingimos uma velocidade de 11 nós, o que nos dava a esperança de chegar a Nova York no dia 18. Pouco passava das 2 horas da tarde, estava eu num dos convés quando vi bastante fumo a sair de uma das entradas do porão. Uma senhora saiu a correr gritando: “o navio está a arder!”, “o que é que vai ser de nós?”.

O navio foi colocado logo a meia velocidade, mas assim que o paiol explodiu os tripulantes colocados na salas das máquinas ficaram quase instantaneamente asfixiados. Dirigi-me para o tombadilho superior e vi que as chamas já irrompiam naquela zona. À medida que o barco se virava contra o vento as chamas foram ganhando força e espalhavam-se mais rapidamente. Eu virei-me então para o tripulante que estava ao leme e disse-lhe para virar o navio de lado para o vento. Ele hesitou - provavelmente não me entendeu porque era alemão. Arranjei um senhor para traduzir e falar com o tripulante. Nesta altura vi algumas pessoas a tentarem descer um salva-vidas, o que aconteceu com essa embarcação não sei, mas penso que foi esmagada pela roda de pás. Fui então para o lado contrário junto de outro salva-vidas, mas assim que agarramos as cordas havia tantas pessoas dentro do barquinho que nem

o conseguimos levantar. As pessoas saíram mas assim que o direccionamos para a água as pessoas acotovelaram-se saltando para dentro do mesmo e caiu com grande violência na água. Lançamos uma corda e puxamos uma pessoa, por sinal um camareiro, enquanto outra na tentativa de ser içada acabou estrangulada na corda. O fogo já estava demasiado forte ali para tentar içar mais alguém. Todos os passageiros da primeira cabine estavam na poupa, com excepção de alguns senhores. Muitos dos passageiros da segunda classe também estavam na poupa, mas muitos outros ficaram presos pelo fogo nas suas cabines. Alguns foram retirados pelo ventilador, mas para a maior parte não foi possível. Percebemos então que o navio estava novamente virado para o vento, o que piorava a situação, e devido à multidão não consegui chegar à casa do leme para perceber o porquê, mas fui informado que o homem do leme tinha abandonado o seu posto, e o navio estava à deriva.

Nesta altura a cena vivida naquele convés era perfeitamente indescritível. Passageiros a irem e virem, maridos à procura das mulheres, as mulheres à procura dos maridos, familiares à procura de familiares, mães a chorarem pelos filhos - alguns paralizados de medo, outros a chorarem desesperados para serem salvos, uns poucos perfeitamente calmos. As chamas passavam tão perto deles que alguns saltavam para o mar, familiares abraçados saltavam para uma sepultura de água, duas raparigas, supostamente irmãs, saltaram e afundaram-se beijando-se. Um senhor húngaro com 7 crianças, 4 delas raparigas, obrigou a mulher a saltar, bezeu os 6 filhos mais velhos obrigando a saltar um a um, e segui-os saltando com um bebé nos braços. Nesta altura, já estava eu debruçado para fora do barco, tentando evitar as chamas que vinham na minha direcção. Vi um pequeno barco por baixo de mim, que rodava ainda preso ao navio por uma amarra. Pensei que se conseguisse chegar até à pequena embarcação poderia salvar-me e salvar outros. Desci então pela amarra, passando por um homem agarrado a meio dela, que recusou vir comigo. Com uma lâmina que tinha comigo cortei a amarra que se soltou violentamente. Tinha um enorme parafuso preso que balançava perigosamente por cima de mim. Acabei por ter de mergulhar, afastando-me o mais que pude dali, e quando emergi dei com outro pequeno barco com a quilha virada para cima, ao qual tentei agarrar-me. Uma onda virou o barco dando-me possibilidade de subir a bordo, embora estivesse alagado. As únicas coisas que vi que serviam de remos foram uma ripas de madeira meias soltas. Quando me virei para o navio já estava a cerca de um quarto de milha de distância, e ainda via senhores e senhoras a saltarem para o mar sozinhos e em pares, algumas senhoras até em chamas. Muitos hesitavam bastante, já que a altura era de vários andares, e tinham muito medo. Meia hora depois já não se via ninguém na popa. Recolhi entretanto um senhor alemão que vinha a nadar vigorosamente.

Vi então uma embarcação a vapor, mas que vinha a navegar à vela, aproximando-se do **Austria**, ao qual chegou por volta das 5 horas. Por volta das 7 horas fomos recolhidos por esse navio, o qual verificamos mais tarde tratar-se do navio francês **Maurice**. Até aquela altura já tinha salvo 40 passageiros. Por volta das 8 horas recolheram um salva-vidas com 23 pessoas, em que se incluíam os 1^o e 3^o oficiais. Mais tarde apanharam mais 3 ou 4 pessoas. O 2^o oficial foi recolhido mais tarde, depois de ter estado a nadar à 6 horas sem nada com que se agarrar. O 2^o e 3^o oficial tinham queimaduras extensas, mas 1 homem estava assustadoramente queimado, além de outros apenas com queimaduras ligeiras. Ali só 6 mulheres tinham sido salvas, 3 das quais com algumas queimaduras, 1 delas de forma chocante. O capitão Renaud, do **Maurice**, actuou de forma muito generosa, distribuindo toda a roupa que conseguiu dispensar por todos os passageiros, serviu de enfermeiro, médico e cirurgião de forma tão carinhosa e delicada. Depois de muitas peripécias e situações complicadas, o **Maurice** dirigiu-se para o Faial por volta das 11 horas da manhã seguinte para largar os sobreviventes que tinha recolhido. Quando lá cheguei, ansioso por voltar para Inglaterra, e o Capitão Trefy do navio **Lotus**, que fazia a rota Liverpool para Halifax, simpaticamente deixou-me seguir juntamente com alguns passageiros americanos.

BODAS DE OURO

Pedro e Maria José d'Orey Velasco

“Mafalda, Pedro e Isabel Caldeira Castel Branco d'Orey Velasco têm o prazer de os convidar para participar na celebração duma Missa de Acção de Graças pelos 50 anos de casados dos seus Pais, que terá lugar na Igreja Matriz de Alter do Chão no dia 10 de Março às 13 horas.”, escrevia-se no convite para a festa....

Quem teve a felicidade de receber este convite pode participar numa festa encantadora que começou na Igreja onde há 50 anos a Zézinha e Pió se casaram com uma Missa muito vivida, PELO NOIVOS, filhos, irmãos, netos, primos e amigos. Seguiu-se um belo e animado almoço no Monte da família da Zézinha. Parabéns aos organizadores pois estava tudo óptimo.

A GAZETA ERROU....

por Vera d'Orey Santiago Tânger (amarelo)

A Gazeta nº 9, na pag 8, errou quando falou sobre o 1º d'Orey "made in China".

Tanto quanto eu saiba foi o meu filho Pedro o 1º e há 24 anos atrás. Vivíamos em Pequim onde o António era 2º Secretário de Embaixada. O dito Pedro foi made in China, nascido em Lisboa, mas voltou para Pequim com 1,5 meses e ficou até ao 1,5 anos. Nessa altura a China vestia de azul e verde, não havia carros para além de poucos taxis, 1 carro por cada família diplomática e alguns do governo. Bicicletas aos milhões. Enfim, o que hoje já não é bem assim. Só não nasceu lá porque eu sendo “Rh-” e os chineses tendo, na altura, total desconhecimento do assunto visto a raça amarela apenas ter 1% de “Rh-”, fui desaconselhada a ter o bebé lá e veio nascer a Lisboa. O Pedro, para além de estar a fazer o estágio de advocacia, é instrutor de Taekwondo - www.tkdcascais.com e sei que já deu aulas a alguns jovens primos nossos (o senhor Tanger).

JOÃO SACADURA BOTTE (Marido da Tim-Tim)

O João dizia frequentemente que já tinha a “mala preparada para a grande viagem” e quando Deus o chamou pegou na “mala e partiu”. Falar o que foi a sua vida é um pouco difícil, mas sobre ele vai falar o seu genro Nuno Mendes Ferreira:

“Fui abençoado por ter tido duas grandes referências na vida. O meu Pai e o tio João.

Com o tio João convivi quase 25 anos de profundo relacionamento, de momentos excepcionais onde partilhámos alegrias e angústias. Cada dia foi uma lição nova sobre o amor à família e aos amigos. Com o tempo fui observando e compreendendo “aquele pilar inabalável” de valores e princípios, rectidão, honestidade, atenção e preocupação permanente aos seus mais chegados.

O mais difícil para mim foi conceber e sentir a sua capacidade infinita de perdoar.

Tenho saudades do tio João, mas estou convicto de que não perdi nada (só ganhei). Deus me ajude a seguir o seu exemplo.

Bem haja tio João

MÚSICA NA MARGEM SUL

por Teresa e Maria da Pureza Ferreira Pinto d'Orey

Olá! Vivemos em Azeitão (Setúbal). Há três anos eu (Teresa), comecei a ter aulas de piano em Azeitão. No ano seguinte fiz o meu 1º grau no Conservatório de Setúbal. De há 2 anos para cá, eu mudei para o Conservatório de Palmela, onde fiz o 2º grau e estou agora a fazer o 3º. A minha irmã, que tem 6 anos, entrou este ano para o conservatório de Palmela. Ela está a fazer a Iniciação, que é o ano antes do 1º grau. Este ano tocámos no Concerto de Natal do Conservatório e fomos convidadas pela professora - Alla Diordieva (Moldava), para tocar no **Estúdio Instrumental A Corda Perfeita**, em Lisboa, também no Natal. Agora já estamos a treinar para o concerto de Carnaval! Muitos beijinhos musicais para todos os d'Oreys.

P.S.: Aproveitamos para pedir a toda a família que rezem pela nossa Mãe e por todos nós cinco, para que Deus nos ajude a superar a falta do nosso Pai, Zé Luís.



Teresa tocando piano

JOSÉ LUÍS D'OREY

por Maria Elvira L. de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

Querida Família e Amigos

É com muita dor que em meu nome e em nome dos meus irmãos vos quero dizer umas palavras, sobre o nosso querido irmão. Ele era de facto uma pessoa muito querida de todos nós.

Era como sempre demonstrou um Homem bom: era um bom filho, um bom marido, um bom pai, um bom irmão, um bom amigo, um bom colega e um bom trabalhador. Ele foi de todos nós aquele que mais se deu aos outros, incluindo àqueles que não conhecia, fosse como bombeiro voluntário ou de outra forma qualquer.

Querida Marina, queridos sobrinhos fiquem com os vossos corações em paz pois o seu marido e o vosso pai amava-vos acima de qualquer suspeita, e deixa para todos nós o exemplo da família que ele próprio construiu. Obrigada Zé Luís.



Maria da Pureza e sua Mãe

